

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA**

**FORMAS DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO HABITACIONAL NUM BAIRRO DE
REASSENTAMENTO: O CASO DE NKOBE**

Autor: Efraime Manuel Nhabanga

Orientador: Euclides Gonçalves

Maputo, Março 2013

**FORMAS DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO HABITACIONAL NUM BAIRRO DE
REASSENTAMENTO: O CASO DE NKOBE**

Trabalho submetido ao Departamento de Arqueologia e Antropologia como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais na Universidade Eduardo Mondlane.

O Autor

.....

Efraime Manuel Nhabanga

O Orientador

.....

O presidente

.....

O Oponente

.....

Maputo, Março 2013

Declaração

Declaro que este relatório de pesquisa é original. Que o mesmo é fruto da minha investigação estando indicadas ao longo do trabalho e nas referências as fontes de informação por mim utilizadas para a sua elaboração. Declaro ainda que o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente, para a obtenção de qualquer grau académico.

Assinatura:

Efraime Manuel Nhabanga

Maputo, Março de 2013

Dedicatória

À minha querida mãe, Filipa Arão, por ter me concedido o dom da vida e por tudo que fez e faz por mim; ao meu avô, Filipe Arone, por ter contribuído para os meus primeiros passos na leitura e escrita e pela educação que me deu e continua dando.

À toda a minha família, tias e tios, primos e primas, todos avôs pelo carinho, apoio moral e financeiro que muito contribuiu para a concretização do meu processo de educação caseira e escolar.

Em memória da minha avó, Filomena Siquela, pelos ensinamentos e carinho sempre prestado. Aos meus queridos tios, Jerónimo Gune e Eulália Arão, que desde criança, me acarinharam e incentivaram para a formação académica.

Agradecimentos

Agradeço antes de mais ao meu orientador, Euclides Gonçalves, pelas correcções, sugestões e conselhos que, com a transmissão da filosofia segundo a qual, tenho de melhorar o que já fiz, permitiu a materialização deste trabalho e da minha formação. Aos meus professores, Emídio Gune, Johane Zonjo, Elísio Jossias, José Teixeira, Margarida Paulo, Fernando Manjate, Adriano Biza, Ana Loforte, Hélder Nhamaze, Carla Braga, Alexandre Mathe, Agostinho Manganhela e a todo o corpo docente do Departamento de Arqueologia e Antropologia, pela sua dedicação dentro e fora da sala de aulas, sempre transmitiram conhecimentos importantes.

Agradeço a minha mãe, Filipa Arão, por ser uma mãe exemplar, por acreditar nas minhas competências e pelo amor incondicional que ela tem para comigo, desde o meu primeiro dia de vida até hoje. O meu obrigado igualmente vai ao vovô Filipe Arone, por ter me ensinado a ser honesto, humilde e ter me indicado a escola como um destino a seguir, pois para ele, este local é uma das casas onde, o homem consegue ter acesso ao sucesso social.

Agradeço aos meus tios e tias; primos e primas e a toda minha família pelo carinho, apoio material e moral sempre presente. Agradeço também, a todos aqueles que partilharam e os que, ainda partilham o mesmo tecto comigo, pela paciência nos momentos difíceis da minha formação. Ao meu tio Teodósio Chiche pela dedicação e frutuosa debates caseiros, pelo apoio na aquisição do material académico e instrução sobre formas de estar e ser na academia e não só. A todos que, comentaram as primeiras versões deste trabalho e os que, prestaram colaboração a quando da pesquisa etnográfica, matéria-prima desta pesquisa.

Especial agradecimento a toda a turma de Antropologia 2009, pelos debates e troca de impressões, principalmente aos colegas, António Nhaposse, Edson Mugabe, Hélder Amâncio, Mariza Chivangue e Midália Uamba, que para além de juntos formarmos um grupo de estudo, temos igualmente, uma atitude de camaradagem. Ao meu colega e grande amigo de infância, Sansao Macamo, que desde a escola secundária até hoje, temos nos ajudado um ao outro para a nossa formação académica e não só.

Lista de abreviaturas e acrónimos

ANE: Administração Nacional de Estrada

CREDELEC: Sistema de Venda a Crédito de Electricidade (pré-pagamento)

CMCM: Conselho Municipal da Cidade da Matola

CMC ÁFRICA AUSTRAL: Empresa Vocacionada na Construção de Obras Públicas

EDM: Electricidade de Moçambique

FIPAG: Fundo de Investimento e Património do Abastecimento de Água

PRM: Polícia da República de Moçambique

MISAU: Ministério da Saúde

OJM: Organização da Juventude Moçambicana

OMM: Organização da Mulher Moçambicana

Índice

Declaração.....	ii
Dedicatória.....	iii
Agradecimentos	iv
Lista de abreviaturas e acrónimos	v
Índice	vi
Resumo	vii
Introdução	1
1. Revisão de literatura	6
1.1. Enquadramento teórico e conceptual	12
2. Área de estudo e método de pesquisa	15
2.1. Métodos.....	15
2.2. Área de estudo.....	16
2.3. Instrumentos de recolha de dados	18
2.4. Constrangimentos ao longo da pesquisa	19
3. Descrição do bairro Nkobe	21
3.1. Breve historial e características dos espaços habitacionais em Nkobe.....	24
4. Reacção dos agregados familiares em relação ao reassentamento.....	30
5. Uso do espaço habitacional de reassentamento	34
Considerações finais	42
Referências bibliográficas.....	45

Resumo

Este relatório de pesquisa analisa as formas de apropriação do espaço habitacional no bairro de Nkobe, um bairro de reassentamento na província de Maputo. Neste bairro, verifica-se que os agregados familiares usam seus novos espaços de residência também para fazer negócios, accionam mecanismos que visam fazer com que, o espaço e a casa se adequem as suas necessidades e, constituírem elementos de distinção com os outros.

Contrariamente a ideia dominante em estudos sobre os reassentamentos urbanos de que, agregados familiares transferidos de um espaço ao outro, abandonam os novos espaços habitacionais devido a falta de infra-estruturas básicas, esta pesquisa documenta experiências de agregados familiares que, mesmo passando pelos mesmos problemas, encontram formas de se adaptar e apropriar-se dos novos espaços de residência. A pesquisa mostra que, os reassentados em Nkobe encontram formas de apropriação do espaço habitacional para outros fins, além do acto de residir. O facto acontece porque, o mesmo espaço é igualmente usado como meio de captação de renda familiar. Logo, para alguns, o novo espaço habitacional, oferece oportunidades para melhorar as condições de vida.

A pesquisa é fruto da recolha de dados no bairro Nkobe, local onde fiz observação e entrevistas semi-estruturadas, num contacto com os reassentados e entidades envolvidas no processo de reassentamento. E a análise dos dados foi feita tendo em conta a contribuição teórica e metodológica da disciplina antropológica, daí ter-se privilegiado o confronto de teorias usadas em ciências sociais.

Palavras – chave: Reassentamento; Agregados familiares; Apropriação do espaço

Introdução

No ano de 2000 foi construída a estrada Maputo – Witbank, ligando Moçambique e África do Sul. A construção desta estrada implicou a retirada dos agregados familiares que viviam ao longo ou próximo da nova via e reassentá-las em Nkobe no município da Matola, província de Maputo. Este processo esteve a cargo da ANE (Administração Nacional de Estradas) que, em colaboração com o CMCM (Conselho Municipal da Cidade da Matola), identificou o bairro Nkobe como o lugar onde seriam construídas as casas para os agregados familiares que, retirados dos seus espaços habitacionais deveriam, dar lugar a construção da estrada.

Neste ano o bairro Nkobe, que estava em expansão, tal como acontece em muitos dos casos de reassentamento em Moçambique, tinha problemas de falta de infra-estruturas básicas que permitissem acomodar os novos residentes. Nesse período, residiam no bairro, na sua maioria indivíduos nativos da região. Como forma de materializar o projecto de reassentamento, a CMC África Austral, empreiteiro encarregue de construir as novas casas em Nkobe, tratou de construir a primeira infra-estrutura, a estrada que dá acesso ao bairro, para poder transportar o material de construção das casas. Concluída a edificação das casas, em substituição das que estavam nos antigos bairros (Luís Cabral, Trevo, Matola “A”), distribuí-se para os agregados famílias envolvidos no processo, que já haviam sido avisadas de forma antecipada sobre a mudança. E assim foram viver em Nkobe.

A literatura sobre o reassentamento (Santana e Perdigão 2011 e Augusto 1998) dá conta do facto destes processos mais do que implicarem mudanças de um espaço habitacional para o outro, implicarem também mudança de vida das pessoas transferidas de um bairro ao outro, o que algumas vezes, acaba resultando no abandono dos novos espaços habitacionais e regresso aos antigos bairros. Neste estudo – reassentamento de Nkobe – muito embora tenha criado alguns casos desta tendência de abandono (regresso), é de referir que, estes fenómenos variam de contexto para contexto porque, no caso em análise, o regresso deixou de ser opção para todos os agregados familiares porque, o antigo espaço foi usado para construir a estrada.

Duas abordagens caracterizam a literatura sobre o reassentamento. A primeira, que é a dominante, pelo número de pesquisas feitas assim como pela expansão dos seus pressupostos – defendida por autores como Santana e Perdigão (2011) e Augusto (1998) e Guimarães (2004) - entende o reassentamento como um fenómeno que degrada redes de sociabilidade e aliado a falta de infra-estruturas básicas no novo bairro, os reassentados acabam abandonando o novo espaço de residência e regressam ao antigo bairro. Por seu turno, a segunda abordagem – defendida por autores como Castro (1995), Guerra (1997), Santos (2007) e Quintas 2008 - faz uma crítica a primeira e entende que, mesmo com os problemas dos novos bairros, os reassentados apropriam-se dos novos espaços de residência porque, o reassentamento alarga as redes de sociabilidade e alguns, olham para o fenómeno como uma oportunidade para mudar de vida.

Face a estes pressupostos, olhando para o bairro Nkobe, me parece que nenhuma das abordagens pode isoladamente, dar conta da complexidade e características do meu local de estudo, pois, encontro, elementos que ultrapassam o poder explicativo de cada uma delas. A meu ver, a primeira abordagem, generaliza seus pressupostos, não consegue explicar diferenças entre os agregados familiares do reassentamento, o que faz com que, alguns se apropriem dos espaços. E a segunda, embora explique algumas características, uma vez estar preocupada em criticar a primeira, não faz menção aos casos de regresso (abandono), o que me leva a pensar que também faz uma certa generalização, esconde os casos de regresso, daí que surge a seguinte pergunta: *Como é que os reassentados em Nkobe avaliam e usam o espaço habitacional?*

Ao procurar responder a esta pergunta, a pesquisa poderá contribuir nas abordagens antropológicas sobre a apropriação do espaço e reforçar a ideia de, existência de diferenças sociais no mesmo espaço geográfico. Tal contribuição será a partir de um olhar detalhado de cada agregado familiar, o que poderá mostrar que num mesmo bairro de reassentamento, pode-se encontrar um cenário segundo o qual, alguns agregados familiares regressam aos antigos bairros, por um lado, e há agregados famílias que apropriam-se, usam o espaço habitacional, por outro. Daí a minha hipótese de que, os agregados familiares reassentados encontram no novo bairro, oportunidade para mudar de vida e realizar planos traçados para a habitação, planos por vezes, inviabilizados no antigo bairro e apropriando-se do espaço.

O objectivo geral da pesquisa é analisar as formas pelas quais os reassentados avaliam e apropriam-se do espaço habitacional de reassentamento. E os específicos resumem-se em, descrever o reassentamento e o sentido que os agregados familiares envolvidos atribuem ao processo; descrever antigas e actuais características do bairro; Identificar projectos, actividades e mudanças levadas a cabo pelos agregados familiares nos novos espaços habitacionais.

O interesse pela problemática do reassentamento, surge porque visitei o bairro Nkobe e verifiquei que, anos após o fim do processo de reassentamento, há no bairro uma mudança social desde, o modelo arquitectónico das habitações construídas pelo projecto de reassentamento até ao espaço residencial no seu todo. Assim, a homogeneidade das casas desaparece com o tempo, alguns traços do modelo arquitectónico de habitações idênticas perdem visibilidade, deixando de ser característica *sine qua non* do bairro e, no mesmo espaço surgem muitos modelos arquitectónicos, o que suscitou a minha indagação, tendo em conta que afirma-se que, (nas conversas do quotidiano e em algumas pesquisa de Santana e Perdigão (2011) e Augusto (1998) e Guimarães (2004) que os donos das habitações do reassentamento tendem a abandona-las. Daí que, a pesquisa poder ajudar a perceber, estratégias de distinção e formas de apropriação do espaço.

As formas de apropriação do espaço habitacional são documentadas a partir de, uma pesquisa de terreno no bairro, aliado à ideia de observação directa e a entrevistas semi-estruturadas. Captei histórias sócio - residências e formas de uso do espaço habitacional porque, a minha análise é a luz de um dos pressupostos básicos da antropologia, a diversidade. Assim procedi porque, pensei no pressuposto segundo o qual, a ideia de que a antropologia estuda a diversidade encontra-se enraizada no pressuposto segundo o qual, "...o tema principal de todos os tipos da antropologia é a diversidade da espécie humana" (Leach 1982: 118).

Esta opção foi porque, por um lado encontro na revisão de literatura um certo domínio de pesquisas que ao analisar o reassentamento falam apenas de abandono, mas por outro lado, uso perspectivas antropológicas para abordar sobre apropriação do espaço e, mostrar que, muito embora existam relatos de regresso ao antigo bairro, há também, outros agregados familiares que, permanecem no novo bairro e fazem vários usos destes espaços.

Analisar dados tendo em conta a diversidade, me permitiu ter capacidade de perceber diferenças entre os indivíduos que habitam no mesmo espaço geográfico e, daí perceber as múltiplas

atitudes e práticas que estes têm para com o fenómeno de reassentamento e conseqüentemente, o surgimento de várias formas de apropriação do espaço. O facto de, ter analisado um campo de análise diverso, implicou o uso de várias teorias e sua confrontação.

O facto de conhecer o bairro em causa antes de proceder a pesquisa e ao mesmo tempo, acompanhar conversas do quotidiano segundo as quais, os reassentados abandonam espaços habitacionais no novo bairro e regressam ao antigo bairro, despertou meu interesse em realizar esta pesquisa e, poder contribuir com um estudo de cunho antropológico nesta área de reassentamento, procurando perceber os valores, significados, representações e mudanças ocorridas nos bairros de reassentamento. O interesse foi também impulsionado, pelos debates encontrados na literatura sobre este assunto. Por isso, a partir de Nkobe procuro debater o reassentamento e a apropriação do espaço, especificamente, nos quarteirões 8, 9, 10 e 11, por ser nestes quarteirões onde, se construiu as casas para o reassentamento no ano de 2000.

Neste sentido, no que diz respeito ao quadro teórico e conceptual, tenho de referir que, entendo que os agregados familiares envolvidos nos processos de reassentamento são diferentes e têm perspectivas diferentes em relação a este fenómeno. Esta diversidade, influencia na forma como cada agregado familiar atribuí valores, significados e representações sobre o novo espaço habitacional, e daí a diferença nas formas como indivíduos ocupam e usam o espaço. É por isso que me apoio nos pressupostos de Lévi-Strauss, que faz uma crítica aos funcionalistas e entende que, as sociedades são diferentes logo, a sua representação do espaço também será diferente (Silvano 2010).

Igualmente, a pesquisa segue os pressupostos de Guerra (1997) segundo os quais, o estudo da questão da habitação é um campo de estudo multidisciplinar, por isso necessita de estudos que confrontam teorias. E no que diz respeito aos conceitos, uso três que, simultaneamente fazem parte da minha tese. São os conceitos de, reassentamento, agregados familiares e apropriação do espaço.

O relatório encontra-se estruturado em cinco capítulos e alguns destes tem subcapítulos. Há ainda espaço reservado para, introdução e conclusão. Primeiro, tenho a introdução. E depois o primeiro capítulo onde coloquei a, revisão da literatura, local onde tenho, as várias constatações

e conclusões a que se chegou em algumas pesquisas que analisam a mesma problemática. Ao mesmo tempo, mostro os problemas e as possíveis contribuições que, cada pesquisa tem para a minha abordagem. É nesta parte do trabalho onde tenho um espaço reservado a apresentação do meu quadro teórico e conceptual.

No segundo capítulo, apresento a área de estudo e métodos de pesquisa onde, mostro todo o processo de recolha de dados. Faço referência ao facto de, a pesquisa ter privilegiado conversas e entrevistas semi-estruturadas com os actores do reassentamento.

No terceiro capítulo, apresento a descrição do bairro Nkobe. Nesta parte, mostro a localização, estrutura e organização do bairro e, suas principais características. Enquanto isso, no quarto capítulo, tenho como título, reacção dos agregados familiares em relação ao reassentamento. Este espaço do trabalho é dedicado a análise de atitudes e práticas que os reassentados têm em relação ao novo espaço de residência, espaço este que trouxe sentimentos de medo, inquietação e oportunidades de negócio. Este capítulo, está ligado ao a seguir, o quinto porque, no uso do espaço habitacional de reassentamento é onde, mostro e analiso os diversos fins que o novo espaço habitacional tem e este fim, geralmente tem a ver com a avaliação e atitudes que cada agregado familiar faz do processo de que foi alvo, o reassentamento.

A conclusão é o local onde mais do que encerrar o assunto em análise, coloco as principais constatações tidas a partir desta pesquisa, mostrando que num contexto de pesquisa dominado por uma abordagem que se dedica a documentar abandono (o que eu prefiro chamar de regresso), Nkobe é um caso que permite mostrar a diversidade de formas de uso do espaço por parte dos agregados familiares envolvidos no reassentamento. Igualmente, aproveito este espaço do trabalho, para lançar desafios para futuras pesquisas nesta área, porque este estudo abre algumas linhas que precisam ser aprofundadas.

1. Revisão de literatura

Na revisão de literatura identifiquei duas principais abordagens que debatem assuntos relacionados com a problemática que levanto. A primeira abordagem destaca o facto de os reassentados abandonarem os espaços de reassentamento porque encontram no novo bairro problemas como, falta de água, luz eléctrica, a longa distancia entre o novo bairro e os grandes centros urbanos, o que faz com que, estes se sintam numa situação de estigmatização e de, degradação das redes de sociabilidade. São estes problemas, segundo esta abordagem, que fazem com que se abandone os bairros de reassentamento e se regresse aos antigos.

E a segunda abordagem faz uma crítica a primeira e debate a questão de reassentamento enquanto um assunto complexo que necessita de abordagens que confrontam várias teorias e disciplinas para se perceber que, é nos espaços de reassentamento que alguns indivíduos encontram oportunidade de realizar seus sonhos e projectos de vida. Assim, o reassentamento alastra redes de sociabilidade e os indivíduos que lá permanecem, colocam no espaço de residência algo que os identifica por isso, apropriam o espaço.

É de referir que, nesta revisão de literatura, faço uma breve análise dos reassentamentos que ocorrem em Moçambique. É por isso que, em cada abordagem, acomodo a realidade moçambicana na revisão da literatura. Passo a apresentação detalhada dos pressupostos de cada abordagem. E para começar, segue-se a apresentação da primeira abordagem.

Os moradores reassentados abandonam as novas residências porque, o realojamento implica mudar de casa e de sociabilidade resultando no facto do reassentamento desfazer os laços de vizinhança, por isso a insatisfação residencial daqueles que se encontram envolvidos no processo. Neste estudo, identifiquei soluções propostas pelos autores para acabar com o abandono dos novos bairros por parte dos reassentados, o facto de se entender que, só se pode ter satisfação residencial se, os moradores participarem nas decisões do projecto arquitectónico da futura residência (Santana e Perdigão 2011). Estes dois autores defendem que no Brasil, as políticas de habitação têm teor tecnocrático por isso que se tem um Estado que, desvaloriza as diferenças e opiniões dos indivíduos, preferindo seguir uma concepção dita racional

Ao mesmo tempo, entende-se que, o problema da falta de habitação nos centros urbanos é provocado pelo êxodo rural. E perante a crise, os habitantes procuram soluções na informalidade por isso surgem os bairros de lata. A história revela que em países como Grã - Bretânia, Brasil e Portugal, a crise no sector da habitação reflecte-se no facto de, cada indivíduo procurar resolver o problema no mercado, comprando uma habitação já feita. Mas este facto resulta da estratégia das políticas de habitação funcionarem como mais um instrumento de concentração de renda (Valência 2001).

Por sua vez Guimarães (2004) explica o facto de, os moradores realizaram sempre transformações na casa, como forma de preservar - lá porque se trata de um bem material e um valor imaterial, testemunhado numa determina época por uma dada comunidade. Assim, a moradia é objecto simbólico de memória e de identidade, por isso, não deve ser destruída mas sim preservada. Na mesma linha de abordagem defende-se que o Estado constrói habitação mas não promove outros serviços básicos e coloca ao mesmo tempo preços altos, o que vem a dificultar a aquisição destas; fazendo com que, indivíduos accionem de forma individual, meios para construir suas habitações e deixarem de depender das políticas públicas que se encontram em crise (Bonduki 2007).

Na mesma linha de pensamento, percebe-se que, a construção de bairros sociais (bairros de reassentamento) quebra laços sociais e abre espaço para a concentração da pobreza urbana e de grupos de risco. É este aspecto que mais tarde contribui para a construção de identidades negativas nestes bairros, uma vez que, neles falta também espaços de lazer e sociabilidade. O mesmo estudo coloca algumas condições para que situações idênticas não voltem a registar-se, estas condições passam pela, intervenção do Estado na construção dos bairros sociais com vista a minimizar o subdesenvolvimento e exercer direito de cidadania, inserindo grupos desprivilegiados (Augusto 1998).

Mosca e Selemene (2011) analisam o reassentamento promovido pela Vale, no mega - projecto de mineração na província de Tete, centro de Moçambique e referem que, processos idênticos contribuem para o aumento demográfico, diversidade de actividades, novas infra-estruturas. Mas,

o mesmo movimento trás uma diferença entre a situação pré e pós reassentamento o que vem a causar, problemas (a destacar, a falta de água, transporte e expectativas sociais que nunca são cumpridas, causando um mal-estar populacional). Os mesmos autores prosseguem e referem que, os actuais reassentamentos tem sido mal dirigidos o que provoca, empobrecimento, conflitos, o que faz lembrar os erros cometidos com a mobilização da população para viver em aldeias comunais.

Como se pode ver, a primeira abordagem, ajuda a ter uma visão sobre os bairros de reassentamento, mas carrega consigo alguns problemas tais como; caracteriza os bairros de reassentamento como sendo aqueles que, sempre não tem isto ou aquilo e na essência estes autores e seus respectivos estudos, pouco dizem sobre o que tem. Igualmente esta abordagem, generaliza seus pressupostos porque, deixa de lado a possibilidade de, outros contextos se estruturarem segundo outras formas; e ao debater políticas de habitação, há uma tendência de procurar resolver problemas sociais, isto por causa do seu carácter intervencionista.

Além disso, a mesma abordagem ao documentar apenas os casos de regresso, deixa escapar o facto de, para alguns reassentados a mudança para além da insatisfação, causar também satisfação ou mesmo, casos em que, mudar de bairro significa ou vem a significar, uma oportunidade para mudar de vida, alargar as redes de solidariedade e apropriar-se do espaço tal como propõe a segunda abordagem que se segue.

Chegados ao novo espaço habitacional, os habitantes tem uma atitude crítica em relação ao novo espaço habitacional por isso, procuram melhorar as condições das suas novas casas. É através de acções desta natureza que se pode pensar no processo de realojamento enquanto uma oportunidade de criar novas formas de relacionamento com o espaço e novas identidades. Além disso, o realojamento oferece vantagens para o aparecimento, com o tempo, de maior segurança, estabilidade e definir o espaço como sua propriedade e bem assim; uma oportunidade de levar avante um projecto de vida inviabilizado no antigo bairro (Castro 1995). Esta pesquisa (a pesquisa de Castro), chega a estes pressupostos porque, explorou histórias sócio – residenciais e projectos de vida. Esta metodologia qualitativa foi aliada a uma observação participante.

Por seu turno, Santos (2007) refere que há uma relação entre os moradores e suas moradias. As representações sociais dos moradores, remetem a ideia de, moradia como espaço de, conforto, segurança e tranquilidade. As moradias construídas pelos projectos atendem a questões técnicas e de estrutura urbana, mas quando se chega a hora do uso, a moradia é apropriada pelos moradores daí sofre intervenções para se adaptar as suas necessidades. Assim, os moradores mostram-se satisfeitos com a moradia depois de executarem suas intervenções, porque estas intervenções são com vista a buscar conforto.

Assim, propõe-se que se olhe para a habitação como tendo algum valor na vida social daí a sua importância, pois, é um dos elementos para a construção do espaço. A habitação satisfaz as necessidades humanas e resulta de um modelo cultural, pois, está em jogo, o status sociais e a reprodução das relações sociais e económicas de uma sociedade. Assim, o espaço será o produto da construção de significados e valores, onde desenrolam as atitudes, práticas e representações, por isso a concepção do espaço enquanto produto da actividade humana (Quintas 2008).

Esta última abordagem assemelha-se a de Yanez-Casal (1996) que retrata o contexto moçambicano e refere que, o lugar onde o homem habita, habitat, é produto social que resulta da organização e relações entre uma dada sociedade e o espaço onde estes residem. Percebe-se que para este autor, a sociedade ou grupo social, ocupa, produz e organiza o espaço por isso ideia segundo a qual, o habitat carrega consigo dimensões políticas, sociais, económicas e culturais de uma dada colectividade.

Por sua vez Philips (2007), entende a habitação como sendo, o local de socialização dos indivíduos e ao mesmo tempo, é espaço onde se transmite valores e visões de uma sociedade. É por isso que, a forma como cada um constrói a sua habitação tem a ver com a sua visão do mundo.

Segundo Guerra (1997) as pesquisas relacionadas com a questão de habitação devem partir de confronto de teorias diversas porque os seus resultados só podem fazer sentido se forem multidisciplinares. É assim que se pode perceber que habitar é dar sentido ao espaço onde se vive, ao mesmo tempo que se procura colocar na casa alguns aspectos culturais e, são estes aspectos que mostram que, se esta perante apropriação do espaço, apropriação da habitação.

Para esta autora, a mais-valia de confrontar por exemplo, teorias marxistas (luta de classes e desigualdades), ecológicas (relação entre o meio e o comportamento) e neo-clássicas (introdução de racionalidades económicas e sociológicas na produção e apropriação do espaço) é de permitir fechar as lacunas de uma (teoria) recorrendo à outra.

Nos modos de apropriação do espaço habitacional, as identidades sociais e culturais aparecem a ocupar um lugar preponderante, esses modos diferem de grupo para grupo uma vez que as referências religiosas e particularidades culturais ocupam um papel de destaque na apropriação do espaço (Carneiro 2003). Na mesma pesquisa encontro a ideia segundo a qual, ter casa é realizar um sonho por isso a atribuição de significados em cada parte desta. Mas, estes significados só podem ser percebidos se, se usar uma abordagem qualitativa que procura significados e interpretações dos sujeitos, tal como se fez na observação directa para recolher dados nos realojados no bairro da Av. Alfredo Bensaúde em Lisboa.

O sentido de morar corresponde a apropriação de um lugar e é daí que a casa muda segundo o gosto e condições financeiras de cada um. Associado a isso, os habitantes em bairros de reassentamento têm planos de no futuro, aumentarem, rebocar e pintar a casa (Araújo 2005). A partir de um estudo no conjunto de São Miguel no Brasil, o autor entende que a ideia de ter casa própria está relacionada com a de ter um lugar para viver em definitivo, criar filhos e aí morrer. E mais, a ornamentação que se assiste em cada casa, é marca de cada um, do seu passado, da sua cultura.

Uma vez apresentadas as abordagens que debatem a habitação e apropriação dos espaços de reassentamento, me parece que, com vista a procurar responder a pergunta de partida, é frutífero ter em conta os pressupostos das duas abordagens. Contudo, deixo de lado os problemas das mesmas e procuro aproveitar as suas potencialidades e daí procurar pensar para além dos pressupostos já apresentados. A meu ver, as duas abordagens carregam consigo o problema das generalizações, a primeira abordagens faz generalizações a partir do momento que, pode fazer pensar que, todos os agregados familiares regressam aos antigos bairros de residência e por sua vez, a segunda por fazer pensar que, todos os agregados familiares se apropriam do novo espaço.

Contudo, o que o contexto desta pesquisa mostra é a existência de ambos cenários, muito embora na literatura, domine o cenário documentado pela primeira abordagem.

Pelo que constato, há em ambas, uma influência funcionalista e muito particularmente de Durkheim ao pensar que, a consciência colectiva está ligada ao território. Esta ideia é problemática porque, homogeniza os agregados familiares reassentados e dificulta explicar as suas diferenças. Para entender as diferenças dos agregados familiares de Nkobe, deve-se unir as duas abordagens. Ao unir estas abordagens, mostro que, as duas realidades documentadas na revisão da literatura, como sendo dicotómicas onde, uns regressam e outros apropriam-se, podem também ser encontradas no mesmo contexto, por exemplo, no bairro Nkobe.

Proceder desta forma, me permitiu documentar o quão complexo é o bairro Nkobe, o processo de reassentamento e formas de apropriação, uso do espaço. Porque, se por um lado, verifica-se que algumas pessoas regressam aos seus antigos espaços habitacionais por causa dos problemas do novo bairro, tal como propõe a primeira abordagem; por outro, encontro uma realidade segundo a qual, algumas famílias gostaram da mudança, olham para esta como, oportunidade de mudar de vida, realizar no novo bairro planos, acções impossibilitadas no antigo, por isso apropriam-se do espaço tal como propõe a segunda abordagem.

Tal como se pode ver, a pesquisa parte dos pressupostos das duas abordagens e mais do que documentar, nos bairros de reassentamento, apenas abandono tal como faz a primeira abordagem, a mais dominante; ou documentar apenas apropriação tal como faz a segunda, documenta apropriação, esta faz referência aos relatos de regresso e vários usos que são dados os novos espaços de habitacionais. Esta proposta nasce do pressuposto de, diversidade defendido na ciência antropológica que me permite ver e explicar diferenças entre os indivíduos, tal como acontece no bairro Nkobe.

Tenho de referir que, os casos de abandono referidos pela primeira abordagem são tratados nesta pesquisa como sendo casos de regresso. Assim procedo porque, me parece que o sentido de abandono, é uma imposição dos pesquisadores que se dedicam a esta problemática que, quando se deparam com situações onde, um dado agregado familiar deixou de residir no novo bairro,

entendem a situação como sendo de, abandono. Mas muito provavelmente, este acto tem outro sentido no agregado familiar que procedem desta forma, pois, pode não ser necessariamente abandono, mas talvez, regresso. Porque o facto de não estar a residir no espaço habitacional de reassentamento pode ser sinónimo de uso do mesmo espaço para outros fins, e conseqüentemente um contacto permanente com o mesmo.

E a ideia de abandono tem uma conotação de, deixar para trás e nunca mais ir ao encontro, porque uma dada coisa perdeu valor. Mas o que encontro nos relatos que colhi, são situações de, venda da nova casa, colocar em aluguer ou, deixar um familiar a residir, o que implica uma relação com aquele espaço e pessoas que lá residem. Logo talvez não seja abandono mas sim, regresso ou uso do espaço para outros fins. Faço tal opção porque, muito embora a ideia da pesquisa, seja documentar apropriação para “contrapor” o domínio da primeira abordagem que é tida como tendo respostas absolutas e verdadeiras sobre os contextos de reassentamento, os meus informantes, referiram existir em Nkobe casos de regresso aos antigos bairros.

1.1. Enquadramento teórico e conceptual

A diversidade dos agregados familiares envolvidos no reassentamento, faz-me pensar que estes são diferentes e que esta diferença influencia na forma como cada agregado familiar atribui valores, significados e representações sobre o novo espaço habitacional, e daí a diferença nas formas como indivíduos ocupam e usam o espaço. Este argumento é sustentado por Quintas (2008) ao referir que, o espaço é produto da construção social, onde se desenrolam maneiras de habitar, o que faz perceber que – prossegue o autor - falar de apropriação é falar do valor do uso. É através deste valor do uso que, encontro para além do abandono, proferido por algumas pesquisas, formas de uso, apropriação do espaço em Nkobe.

É neste contexto, que a pesquisa segue igualmente, o pressuposto defendido por Lévi - Strauss, citado por Silvano (2010), segundo o qual, as diferenças entre sociedades manifestam-se também na representação do espaço. Porque, ao contrário dos funcionalistas, que pensaram a sociedade como algo homogéneo, Lévi-Strauss (1982) dá início a forma de pensar a sociedade como algo

que esta para além da homogeneidade ao afirmar que, todas sociedades proibem o incesto, mas este costumes tem as suas particularidades e é regulado em cada época.

Através destes pressupostos mostro que, indivíduos do mesmo espaço geográfico, partilham formas diferentes de pensar o espaço, por isso, que os agregados familiares reassentados em Nkobe usam o espaço de formas diferentes, criando um cenário onde, enquanto uns vendem ou arrendam seu espaço, outros habitam, produzem e reproduzem o espaço conforme suas necessidades e desejos. Há ainda aqueles que para além de residir, fazem do espaço, mais uma fonte de captação de renda, vendem também produtos diversos. Encontro igualmente cenários onde a casa, é totalmente transformada numa infra-estrutura básica do bairro desde, esplanada, posto policial, farmácia, salão de cabeleleiro e carpintaria.

Esta diversidade de formas de uso e apropriação do espaço levam-me a ler esta realidade social a partir, das várias contribuições teóricas e metodológicas que antes procuraram responder questões relacionadas com a desta pesquisa. Por isso, na análise e interpretação dos dados uso e confronto estas várias contribuições, porque sigo o pressuposto segundo o qual, “a questão da habitação é hoje um campo de estudo multidisciplinar e de confronto de diversas teorias” (Guerra 1997:165).

Esta autora faz este pronunciamento depois de ter feito lembrar que, é mais frutífero confrontar as teorias e poder tirar algo dessa confrontação. Por isso – prossegue Guerra (1997) – se confronta-se, teorias marxistas (que debatem luta de classes e desigualdades), as teorias ecológicas (que dedicam se a relação entre o meio e o comportamento) e neo-clássicas (que introduzem as racionalidades económicas e sociológicas na produção e apropriação do espaço), o exercício permite fechar as lacunas de uma (teoria) recorrendo à outra. É justamente este pressuposto seguido por esta pesquisa no que diz respeito ao quadro teórico porque, procuro acomodar todo o contributo teórico e metodológico que marca as ciências sociais, para procurar ultrapassar os problemas de um determinado quadro teórico, recorrendo ao outro.

De forma mais específica, a pesquisa usa três conceitos básicos, nomeadamente, reassentamento; agregados familiares e apropriação do espaço. Com o conceito de reassentamento, estou a me

referir a todo o processo de retirada de um conjunto de famílias e seus bens de um espaço habitacional ao outro. Em meu entender, este processo abre espaço para que, os indivíduos envolvidos conjuguem antigas e novas formas de convivência (planos para a habitação, vizinhos e perspectivas de vida). Por isso que, em Castro (1995), o fenómeno reassentamento é pensado como sendo, a saída de um contexto habitacional ao outro, onde os actores sociais em causa a redefinam seu papel e imagem na sociedade.

Uso o conceito de agregado familiar, como forma de substituir o conceito família que, tem o “poder” de levar a pensar na ideia de família nuclear como sendo universal, o que dificulta perceber, os vários tipos e formas de famílias que surgem, devido a vários factores, que envolvem esta unidade, tais como, políticos, económicos, mudanças sociais e culturais. Assim, no meu contexto de pesquisa encontro esta multiplicidade de famílias por isso que penso agregados familiares como sendo, um conceito que engloba todos os tipos de famílias que se encontram envolvidos no espaço de reassentamento. Assim, adopto o conceito de agregado familiar por ser mais abrangente e englobar a diversidade familiar (Spiegel; Watson e Wilkinson 2008).

O conceito de apropriação do espaço ajuda me referir a todo um conjunto de ideias e planos já concretizados no novo espaço habitacional, e os que ainda se pretende concretizar de modo a fazer com que o espaço atenda as necessidades de cada agregado familiar reassentado. Com este pressuposto pretendo transmitir a ideia segundo a qual, quando se esta perante o reassentamento, as famílias procuram usar o espaço (Guerra 1997).

Assim, tal como é sugerido por Lefebvre, o espaço é fruto da produção social e observá-lo significa, observar práticas sociais que o constituem porque tal como referiu Lévi-Strauss, “uma vez diferentes, as sociedades vão igualmente ter diferentes representações do espaço” (Silvano 2010: 23). O conjunto destes pressupostos ajuda a perceber os dados da pesquisa porque, no reassentamento de Nkobe encontro diferenças nos agregados familiares que, atribuem sentidos e várias representações ao reassentamento e ao espaço habitacional. Daí que, para além de rupturas, tiveram aspectos de continuidade nas suas vidas, assim como, representam o espaço de formas diferentes e fazem usos diversificados da habitação e do espaço no seu todo.

2. Área de estudo e método de pesquisa

Este relatório de pesquisa é fruto de uma pesquisa etnografia, no bairro Nkobe. Daí que fiz observações, explorei histórias de vida e situações actuais de alguns agregados envolvidos no processo. E estes aspectos permitiram discutir e mostrar as várias formas que, os reassentados accionam para usar o seu novo espaço habitacional. Lembrar que, abordo a apropriação do espaço como sendo, o uso do espaço tal como é proposto em Guerra (1997).

Contudo, devo fazer referência ao facto de, haver necessidade de compreender os resultados desta pesquisa enquanto provisórios e contextuais, dado o carácter da investigação feita. O estudo é de carácter exploratório, por isso o seu principal fim é de desenvolver (...), “a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (Gil 1999: 43). O mesmo autor procede referindo que, este tipo de pesquisas é desenvolvido com o objectivo de proporcionar uma visão geral, de tipo aproximativo, acerca de um determinado facto. Assim, igualmente esta pesquisa, mais do que trazer verdades absolutas, traz uma visão geral e aproximada sobre o facto de, haver nos bairros de reassentamento, diferenças nos agregados familiares e estas diferenças reflectirem-se no uso ou no fim que cada espaço habitacional é dado.

2.1. Métodos

Este trabalho de pesquisa é de tipo qualitativo porque, durante a recolha de dados - matéria-prima da pesquisa – mantive contacto com os agregados familiares para perceber o reassentamento de que foram alvos no geral, e seus novos espaços habitacionais, em particular. O contacto com estes, foi a partir de algumas pessoas residentes no bairro e conhecidas por mim. O que permitiu conhecer cada agregado familiar por indicação daquele que, já havia mantido contacto e, compreender fenómenos sociais, mais especificamente, “motivos, aspirações, atitudes, crenças e valores dos fenómenos sociais” (Minayo e Sanches 1993: 245). Neste caso, do fenómeno reassentamento e uso do novo espaço habitacional.

Percebo que uma pesquisa de tipo qualitativo, é adequada para atingir o objectivo que me propus a alcançar, e a partir da observação e conversas semi-estruturadas, entendi o universo sócio - residencial, valores, crenças, significados e interpretações associadas ao novo espaço habitacional e todas as actividades que são levadas a cabo pelos reassentados, no novo espaço de residência. Assim, procedi uma pesquisa etnográfica no bairro Nkobe, através da observação do quotidiano dos agregados familiares reassentados neste espaço. A prática etnográfica permitiu, captar diferenças e especificidades dos reassentados, dar ênfase a interpretação e ao detalhe (Peirano 1995). Por isso que encontro uma diversidade de usos e fins dado ao novo espaço habitacional, por parte dos agregados familiares envolvidos no reassentamento.

O acto de proceder a observação directa para que mais do que colher dados documentais, colher dados orais (Quivy e Campenhoudt 1998; Denzin e Lincoln 2006) permitiu identificar no reassentamento de Nkobe, modos diferentes de pensar e usar o espaço habitacional dado pelo projecto de reassentamento. A observação participante e entrevistas semi-estruturadas, foi um exercício feito ao longo da pesquisa, que permitiu apreender os “sentidos atribuídos aos factos da vida social, aceder aos sentidos e significados, sentimentos, normas, emoções e valores de conduta” (Guber 2001: 75).

2.2. Área de estudo

O material de pesquisa foi colhido num trabalho de campo realizado entre Julho e Outubro de 2012, no bairro Nkobe no município da Matola, província de Maputo. Por causa da extensão do bairro, quinze quarteirões, recolhi dados em quatro destes, locais onde decorreu o reassentamento em análise.

Mas porque a vida dos reassentados ultrapassa estas fronteiras geográficas, e se estende a outros espaços onde estes conseguem a sua renda ou tem familiares e amigos, redes de sociabilidade, a pesquisa contem também, alguns dados desses locais, porque constituem contextos dos meus informantes. As diferenças dos agregados familiares fazem, com que o seu perfil seja diversificado. Tal diversidade, tem vários indicadores desde, província natal, número de

agregados familiares, actividades de renda, atitude e práticas em relação ao reassentamento, redes sociais de que fazem parte, usos e representações do espaço de reassentamento.

A diferença dos agregados familiares reassentados em Nkobe, permitiu-me construir três categorias nas quais estes fazer parte. Primeiro, encontro aqueles que, receberam o espaço e fazem remodelações na casa e em todo o espaço habitacional e ali residem. Neste grupo, inclui-se os nativos do bairro, aqueles que tendo nascido em Nkobe e foram lá encontrados antes do reassentamento, também receberam novos espaço habitacionais e conseqüentemente novas casas, como forma de substituir as antigas. Tenho de referir que, a situação dos nativos nos bairros de reassentamento, não é referida muito menos documentada nas pesquisas que identifiquei na revisão da literatura.

Segundo, aqueles que fazendo o que os primeiros fazem, usam o espaço habitacional também para gerar fonte de rendimento familiar. Esta actividade acontece geralmente nos espaços habitacionais que se localizam junto as grandes e movimentadas ruas (15 metros) do bairro. Por exemplo, alguns agregados familiares criaram quiosques, bancas, para vender roupa, frutas e prestar serviços como, encomendas de bolos ou roupa costurada. De referir que, dependendo do caso, o negócio é dos donos do espaço habitacional e em por vezes, arrendam o espaço para se levar a cabo a actividade e, serem remunerados mensalmente.

Terceiro, esta é a situação menos dominante, encontro casos em que o espaço concebido pelo projecto de reassentamento para ser habitacional é transformado em espaço onde se realizam outras actividades. Nestas formas de uso do espaço, verifico que se está perante um outro sentido que se dá ao espaço. Nestes espaços, transforma-se a antiga casa, construída no âmbito do projecto de reassentamento, em infra-estrutura básica do bairro como, farmácias, salões de cabeleireiro, ferragens ou carpintarias. É de referir que, muitas vezes estas actividades são realizadas por outras pessoas, e não necessariamente pelos agregados familiares reassentados. Mas por pessoas que arrendaram ou compraram o espaço nos indivíduos reassentados.

Para além dos agregados familiares reassentados, entrevistei também, autoridades do bairro, nomeadamente, o secretário do bairro e o chefe de um dos quarteirões, que ajudaram a perceber a

história, constituição e funcionamento do bairro. Ao mesmo tempo, manteve contacto com alguns funcionários do CMCM, e técnicos da EDM. Assim como, com alguns agentes da PRM afectos ao posto policial de Nkobe. O contacto com estas entidades e instituições foi com vista a, melhor captar o fenómeno em análise.

Mantive contacto com um dos chefes dos quatro quarteirões. A razão deste acontecimento tem a ver com o facto de, estes (os chefes dos quarteirões) manterem contacto entre eles e terem ficado a saber da recolha de dados no bairro para uma pesquisa. Assim, delegaram um deles para oferecer conversar comigo, alegando que as informações que se pretendia recolher, eram as mesmas em todos eles.

Especificamente, promovi conversas e entrevistas semi-estruturadas com vinte e uma pessoas das quais: nove chefes ou membros dos agregados familiares reassentados; chefe de um dos quarteirões; o secretário do bairro; dois nativos do bairro; três funcionários do CMCM; dois agentes da PRM e três técnicos da EDM. Nos chefes dos agregados familiares, sete são do sexo masculino e duas são do sexo feminino. Entre outras pessoas contactadas, dez são do sexo masculino e duas do sexo feminino.

2.3. Instrumentos de recolha de dados

No âmbito da recolha de dados, parti da observação directa, e realizei caminhada pelo bairro para proceder, conversas informais e entrevistas semi-estruturadas, o que me possibilitou fazer questões abertas, mas sempre ligadas ao tema em questão e colher informações que fazem referência as experiências de vida dos reassentados no novo espaço habitacional. Neste processo, os informantes eram livres de recusar comentar ou justificar os vários aspectos que eram questionados durante a pesquisa, uma vez que privilegiei manter com estes, um ambiente favorável para as conversas fluírem de forma espontânea. Contudo, em nenhum momento os informantes chegaram a recusar comentar algo relacionado com o assunto da pesquisa, apenas referiam não saber ou não ter conhecimento de alguns aspectos.

Durante este processo, recorri ao uso de blocos de notas e por vezes, a técnica de memorização do conteúdo das conversas. Com o bloco de notas, pretendia registar os principais conteúdos das observações e conversas que promovia. Este exercício permitiu, registar notas que posteriormente, constituíram matéria para reflectir sobre o que estava a descobrir, e o que poderia explorar mais nas próximas conversas e observações. E a memorização do conteúdo das conversas sem recorrer ao registo, permitiu-me manter o fio condutor dos informantes, evitar seu possível constrangimento com o meu exercício de escrita. Igualmente testava mais uma vez, a capacidade de memorizar assuntos preponderantes para a materialização da pesquisa, porque esta informação era posteriormente registada no fim das entrevistas.

Recorri também a fotografia para captar algumas imagens do estado do bairro no geral e dos espaços habitacionais em particular. Por isso, ao longo do trabalho apresento algumas fotografias que ajudam a transmitir a imagem do bairro Nkobe. Todas estas imagens foram captadas por mim, durante os dias do trabalho de campo.

2.4. Constrangimentos ao longo da pesquisa

Nos primeiros dias da pesquisa de terreno, senti-me incapaz de promover conversas com os potenciais informantes. Mas esta timidez de se apresentar e revelar o objectivo da minha presença no bairro foi ultrapassada com o encorajamento por parte do corpo docente. Ao mesmo tempo, embora com medo de interagir, continuei a proceder observação do terreno e a escutar conversas o que, permitiu-me assimilar a ideia de fazer pesquisa e habituar-me com o ambiente do bairro. Assim, adaptei-me ao contexto e superei o receio de interagir com os agregados familiares, aliado ao facto de, os informantes passarem, com o andar do tempo, a acostumar-se com a minha presença no bairro.

O desenrolar da pesquisa, mostrou a necessidade de manter contacto com algumas instituições que estão ligadas ao reassentamento de Nkobe, nomeadamente CMCM¹, PRM e EDM, para a partir destes, confrontar os dados sobre o mesmo assunto e daí, a análise que aqui apresento. Em quase todas estas instituições, sempre que explicava o objectivo e o porquê da minha presença, das respostas que recebia, duas eram dominantes: “ A pessoa que pode te ajudar não esta presente”², por um lado; “Sabes, um dos problemas da Matola é a falta de material catalogado³”, por outro. Este tipo de respostas constituiu o motivo pelo qual, não tive por exemplo acesso aos relatórios do CMCM sobre o processo em análise. Igualmente requisitei mas não tive sucesso, imagens que mostram o estágio do bairro antes e durante o reassentamento.

¹ O referido contacto foi de forma concreta mantido com a Vereação de Planeamento Territorial e Urbanização.

² Resposta recebida pelos agentes da PRM, por duas das cinco (5) vezes que nos deslocamos ao Posto policial de Nkobe.

³ Argumento dominante em muitos dos funcionários do CMCM, sempre que eram abordados pelo pesquisador.

3. Descrição do bairro Nkobe

O bairro de Nkobe localiza-se na província de Maputo, no distrito da Matola e município do mesmo nome (Matola), concretamente no posto administrativo da Machava. Nkobe é um bairro que se situa no interior do município da Matola e faz fronteira com os bairros, Umatibwana a norte; Machava Socimol Km 15, Singatela, São Damaso e Bunhiça a sul; o bairro 1° de Maio e Intaka a este; e o bairro da Matola Gare a oeste. Este é um dos 42 bairros que compõe o município da Matola.

Em 2000 ano do reassentamento em análise, o bairro Nkobe teve um crescimento do número de habitantes porque passava a ser um bairro em expansão e devia receber novos residentes. Mas além deste reassentamento que tenho vindo a fazer referencia, o bairro tem recebido outros agregados familiares reassentados, o que faz com que cresça mais ainda em todos os sentidos (desde o número de habitantes, surgimento de novas infra-estruturas e extensão das redes de sociabilidade). Tal como se pode perceber, o bairro em causa, mais do que surgir com o reassentamento, vem a registar mudanças (ver subcapítulo 3.1)⁴. O reassentamento de Nkobe foi proporcional ao aumento populacional no bairro e daí o aparecimento de novas infra-estruturas básicas, um dos elementos para falar-se de mudança social.

No que diz respeito as autoridades do bairro Nkobe existe, o secretário do bairro, o secretário da OMM, o secretário da OJM, um líder comunitário, os chefes dos 15 quarteirões e os chefes das 10 casas. É com base nestas entidades que o bairro se organiza, pois, estas se relacionam umas com as outras para receber novos residentes, orientá-los e resolver os problemas do bairro. No bairro, acontece de forma regular reuniões onde, de entre vários assuntos, debate-se o crescimento (a chegada de novos agregados familiares e o surgimento de novas infra-estruturas), problemas e possíveis soluções. O trabalho coordenado entre os residentes e as estruturas do

⁴ Uma parte da pesquisa dedicada ao referido assunto.

bairro é depois encaminhado as autoridades municipais. Este é um elemento que foi várias vezes indicado como factor que culminou na resolução de problemas⁵.

O bairro Nkobe tem, um posto policial, três farmácias; duas escolas (escola primária 12 de Outubro e a escola primária e completa de Nkobe). Igualmente tem dois cemitérios, ambos eram cemitérios familiares que foram parcelados pelo município para se tornarem públicos. Tal parcelamento decorreu depois de vários apelos dos habitantes do bairro. O mercado também foi construído depois do reassentamento, no âmbito de uma acção que visou, banir com o facto de, cada um vender no seu canto. Regularmente, uma brigada do MISAU aparece no bairro porque, por enquanto há uma reserva para se construir hospital. E os espaços habitacionais construídos no âmbito de reassentamento todos compreendem uma dimensão de, 15 por 30 metros e as ruas medem 10 a 15 metros.



Fig.1. Farmácia instalada numa antiga residência.



Fig.2. Vista do mercado.

Este bairro, por ser de expansão recebe regularmente agregados familiares que são tirados, dos seus antigos bairros para serem reassentadas em Nkobe. Por exemplo, foram reassentados pela EDM, alguns agregados familiares tirados dos bairros da Machava “J” e Machava - Sede. Ao mesmo tempo, fizeram referência os informantes ao facto de, o Gabinete da Primeira Dama ter construído cinco casas no bairro e reassentado igual número de famílias. Estes dois processos

⁵ Na resolução destes problemas destacou-se, o surgimento de cemitérios públicos em substituição dos familiares; o surgimento do mercado, do Posto Policial e do posto de venda de energia eléctrica do sistema CREDELEC.

tiveram lugar recentemente e aconteceram no mesmo espaço antes não habitado, e actualmente os residentes designam este espaço como, “*bairro novo*”⁶.

A ideia de documentar, o facto de os residentes designar um espaço recentemente habitado dentro do bairro como “*bairro novo*”; me possibilita evidenciar que, há sentidos e significados diferentes entre as entidades governamentais e os residentes do bairro sobre a noção do que é bairro. Para as entidades governamentais e municipais, o bairro é uma entidade una e não é possível ter um bairro subdividido em bairros. Mas por causa deste sentido e significados diferentes do que é bairro, os residentes designam de “*bairro novo*”, um local dentro do bairro Nkobe.

A nomenclatura, “*bairro novo*”, é usada em Nkobe desde 2005. Contudo mesmo tempo, percebo que sentidos e significados diferentes, nem sempre são necessariamente opostos. Porque olhando para este caso, vejo que, não obstante o facto de se chamar o novo espaço habitacional de “*bairro novo*”, os mesmos residentes têm igualmente noção do que é bairro na perspectiva das autoridades e estas últimas, também sabem que existe este tipo de nomenclaturas e usam-na como referencia.

Este facto aparentemente está à acontecer a margem do contexto de pesquisa, mas está relacionado com o objecto desta porque, alguns dos meus informantes também fizeram referência ao facto de, terem uma segunda residência ou espaço para futura residência no “*bairro novo*”. Logo, também fazem parte daquele mundo destes, tal como se pode ver:

“ (...) tenho vizinhos com casa no bairro novo. Eu tenho um terreno lá, assim que puder vou construir algo para assegurar, no futuro será muito útil”.⁷

⁶ Um espaço dentro bairro Nkobe, designado por bairro novo pelos residentes e consequentemente pelos nossos informantes.

⁷ Informante 1 (Reassentado – comerciante, 44 anos)

3.1. Breve historial e características dos espaços habitacionais em Nkobe

O tipo de casas construídas em Nkobe no âmbito do reassentamento, constituem uma das características do bairro, pois, estas marcas existem e são visíveis desde, o modelo arquitectónico passando pela vedação para chegar à cor.⁸ Estes elementos homogenizam os espaços habitacionais e fizeram com que, antes o bairro fosse apelidado de "zona das casas brancas", porque todas as casas foram pintadas de branco e os quintais vedados de arame e postos de betão. Hoje encontra-se uma mistura, dos traços deixados pelo reassentamento e marcas de que se está a residir e, usar o espaço, por isso, as mudanças.



Fig.3. Marca de reassentamento e mudanças, vedação de espaço.

As casas do reassentamento de Nkobe, foram construídas para obedecer um padrão arquitectónico (tal como mostra esta imagem), por isso para além de serem do mesmo modelo, localizam-se junto ao limite frontal de cada terreno e as casas de banho foram, construídas num dos cantos de cada espaço. E mais ainda, as casas de banho todas foram construídas seguindo mesmo modelo e medida e pintadas com a mesma cor, o branco; a mesma cor das casas. Tal como se pode ver, neste aspecto, o bairro Nkobe se iguala a outros bairros de reassentamento, tem também alguns aspectos que marcam a igualdade e tentativa de homogeneizar o espaço por parte dos promotores do projecto.

⁸ Na altura da construção, todas casas foram pintadas a branco.

O tamanho das casas é um dos elementos que serve para se marcar diferença entre os espaços habitacionais de reassentamento deste bairro. Porque cada casa foi construída em substituição da antiga que cada agregado familiar tinha. Daí a diferença no tamanho. Tal como se pode perceber, estou a me referir, a fase da implementação do projecto, pois, várias diferenças surgiram com o fim do reassentamento e com o tempo, porque nestes espaços surgiram diferenças, marcas de cada agregado familiar no espaço habitacional. Tal como é referido em Santos (2007), este aspecto é, frutos do uso do espaço, sinal de apropriação

Das observações e conversas tidas com os informantes, constatei que terminado o processo de reassentamento, os agregados familiares em Nkobe transmitem uma ideia de dificuldade para se adaptar a nova vida e espaço habitacional nos primeiros dias do reassentamento. Mas, o facto de muitos estarem a passar pela mesma situação, assim como o aparecimento de sinais de mudança, foram elementos importantes para que, continuassem em Nkobe e tratassem de cuidar e melhorar as suas novas casas tal como se pode perceber.

“(…) nos primeiros dias era tudo complicado aqui em Nkobe, tínhamos falta de quase tudo, mas porque o bairro era movimentado, apareceram muitos empresários a investir e hoje, temos água, energia e farmácias e escolinhas aqui no bairro, isso é bom”⁹.



Fig.4. Transformação de uma residência em centro infantil.

⁹ Informante 2 (Reassentado – funcionário publico, 48 anos)

Um dos sinais de apropriação, a nova cor. Em algumas das conversas que tive em Nkobe fez-se referência ao aparecimento de pequenos empresários no bairro, o que terá contribuído para o aparecimento de infra-estruturas básicas, resolução de alguns problemas e a permanência dos reassentados no bairro. Ao mesmo tempo, os próprios reassentados aparecem como actores de mudanças que tem ocorrido, uma vez que, nas reuniões do bairro contribuem com ideias de como resolver os problemas de todos, recorrendo a algumas experiências que trazem do antigo bairro e muitas vezes são úteis para o novo. Nestas experiências destaca-se a contribuição de valores monetários para ajudar na manutenção das fontes de água e formação de comissões de trabalho, formados pelos residentes para se inteirar e resolver problemas do bairro.

Para além desse tipo de intervenções que os agregados familiares levam para o espaço de chegada, verifica-se igualmente que, estes são actores sociais activos para a materialização da mudança social do espaço onde residem. Assim penso porque, as intervenções que cada um faz na sua casa, se por um lado, mudam o espaço de residência, por outro; vem a mudar todo o bairro, o que contribui para a nova forma de ser e estar do contexto de reassentamento desde, casas com cores diferentes, com vedações diferentes, com tamanhos e com dinâmicas sociais dentro da casa e no bairro. Se esta aqui perante uma abordagem que se assemelha a de Quintas (2008) quando refere-se que, os actores sociais participam na construção do espaço porque, a habitação é elemento de construção do espaço, logo – prossegue o autor – o espaço é produto da actividade humana.

Por tanto, o reassentamento de Nkobe, mais do que ter levado para o bairro novas habitações e novos agregados familiares, foi um processo que acelerou a mudança social do bairro, pois, com o processo “veio”, também, de entre outros bens sociais os seguintes: a estrada¹⁰; energia eléctrica; água canalizada; bombas de combustível; farmácias; escolas e escolinhas; posto policial; mercado; cemitério público; posto de venda de energia eléctrica do sistema CREDELEC e, novas relações para os nativos e os novos residentes.

¹⁰ Várias vezes referida pelos residentes como sendo, um dos maiores problemas do bairro, porque esta estragada.



Fig.5. Posto de venda de energia.

Nesta dinâmica deve-se fazer referência ao facto de antes do aparecimento do reassentamento, o bairro ter alguns cemitérios familiares, que pertenciam a alguns agregados famílias nativos do bairro. Com o reassentamento e conseqüente aumento populacional no bairro, dois destes foram transformados em cemitérios públicos porque:

“O reassentamento trouxe mudanças significativas no bairro. Eu sou nativo do bairro, nasci, cresci e hoje trabalho aqui, e te digo, muita coisa mudou. Antes não tínhamos transporte, água e luz, mas essas e outras coisas aparecem com esse movimento populacional”¹¹.

Tal como explica Rocher (1989), o aumento populacional num dado espaço resulta em mudanças sociais. A teorização de Rocher faz sentido no meu contexto de pesquisa porque, com o reassentamento, no bairro Nkobe viu-se acelerar o aparecimento de novas formas de ser e estar, que implicaram o aparecimento de infra-estruturas, novas redes de sociabilidade, que muito provavelmente teriam chegado mais tarde sem este movimento populacional (reassentamento).

As mudanças que têm ocorrido em Nkobe devem ser explicadas com base em múltiplos factores, porque a mudança social é fruto de elementos também complexos. Foi o que captei no campo de pesquisa porque, por um lado, alguns reassentados a par de culpar o município por nada fazer para melhorar a vida no bairro; e por outro, atribuem-se algum protagonismo no aparecimento de bens sociais¹² no bairro e conseqüentes mudanças, chegando inclusive a dizer:

¹¹ Informante 3 (Secretário do bairro, nasceu, estudou e agora trabalha no bairro Nkobe)

¹² Na perspectiva dos informantes. E estes bens sociais estão relacionados com o aparecimento de novas infra-estruturas.

“ (...) muita coisa que aparece aqui no bairro, nós é que fizemos, nos reunimos e resolvemos os problemas de água e energia. Até quiosques que existem aqui, são de pessoas residentes no bairro ou de gente que vem”¹³.

Ao mesmo tempo, constatei que os governos, central, provincial e o município, coordenam suas actividades, de modo a atender preocupações de todo o povo. Assim, muito embora se possa questionar como é feita tal actividade por parte das entidades governamentais, parece-me que pode-se reconhecer que existe e as mudanças em Nkobe são frutos das acções de todos, não apenas dos residentes, tal como alguns procuraram fazer perceber. Como exemplo faço referência aos projectos da EDM, uma empresa do Estado que procura electrificar zonas de expansão, assim como, acções da FIPAG, empresa que procura providenciar água aos novos bairros. E estas acções já se fazem sentir em Nkobe.



Fig.6. Sinal dominante no bairro,

com o aparecimento de sistemas

de abastecimento de água.

Portanto, pode-se explicar as mudanças em Nkobe, ao olhar-se para esta multiplicidade de acções que concorrem para a dinâmica de um bairro de reassentamento. Assim, tais mudanças não são apenas fruto do esforço dos reassentados porque, muito embora eles tenham essa capacidade de ver que algo deve mudar e reunirem esforços para tal, a sua vida está ligada a

¹³ Informante 4 (Reassentado - mecânico 37 anos)

acções das entidades governamentais, através dos programas destes. Um outro exemplo que ilustra o meu argumento é a instalação no bairro, do posto de venda de energia eléctrica do sistema CREDELEC, que segundo alguns residentes do bairro surge graças aos seus apelos constantes. Mas ao mesmo tempo, a EDM fez perceber que o posto surge para atender a demanda que se assistia no bairro, assim como, em bairros vizinhos que tinham de percorrer longas distâncias para depois, formar filas longas de modo a comprar energia; logo percebo que, o posto também surge graças a política de expansão dos serviços desta empresa.

Mais uma vez me inspiro em Rocher (1989) para perceber este facto pois, este refere que para as mudanças concorrem factores estruturais ou materiais (demográficos, tecnológicos e infra-estruturas económicas) e factores culturais (valores e ideologias). Ao olhar-se para Nkobe, encontro por um lado, estes elementos uma vez pode-se pensar acções do governo em relação ao bairro, como sendo factores estruturais e materiais¹⁴, porque promovem o reassentamento e algumas infra-estruturas básicas. Por outro, factores culturais pode ser, todo um conjunto de formas de pensar dos reassentados, desejos e aspirações de ver melhoradas as condições do seu bairro e consequentemente dos seus espaços habitacionais.

Neste capítulo mostrei as mudanças sociais que podem ser promovidas pelo reassentamento num determinado espaço, antecipando assim fenómenos que muito provavelmente pudessem acontecer no futuro. Igualmente mostrei que, o reassentamento mais do que retirar um conjunto de pessoas de um lugar ao outro é, um elemento para analisar-se mudanças sociais que ocorrem nestes contextos de reassentamento, no espaço de chegada. Assim, o reassentamento de Nkobe mais do que aumentar o número de residentes no bairro trouxe consigo, toda uma dinâmica social. É por isso que, a ideia do próximo capítulo resume-se em explorar como foi vivida, por parte dos reassentados, a ideia de ir morar num novo espaço habitacional, e o que se fez na altura.

¹⁴ Estou ciente de que, não se pode fazer uma distinção rígida do que é material e cultural porque, as fronteiras entre ambas, são móveis.

4. Reacção dos agregados familiares em relação ao reassentamento

Recorrer a narrativas históricas é um dos elementos para perceber como foi recebida a notícia de reassentamento por parte dos agregados familiares, como foi vivido o processo, e muito provavelmente perceber, como é que o espaço é usado. Neste processo de análise das histórias de vida, deparo com uma complexidade de reacções que os agregados familiares tiveram a partir do momento em que foram informados que iam ser envolvidos num processo de reassentamento. E as reacções para com a notícia, geralmente vieram a ter alguma relação para com o fim que foi dado cada espaço habitacional em Nkobe.

É a partir da noção desta complexidade para com a notícia do reassentamento (por parte dos informantes), que consegui perceber revelações como esta:

“Eu soube que íamos sair de Luís Cabral para Nkobe em 1998 e a partir daí comecei a preparar a minha saída. Lembro-me que na altura estava para construir murro, mas parei e vim construí aqui num bairro parcelado e com mais espaço”.¹⁵

Aqui encontro alguns indicadores que me levam a pensar que alguns reassentados olham para o reassentamento como uma oportunidade de mudar de vida, ter o que não se tinha no antigo bairro por isso a ideia segundo a qual, “com o novo espaço de habitar, o individuo quer experimentar um novo modo de vida” (Cruz 2003: 237). Tal como já fiz referência, na revisão da literatura, verifico um domínio de pesquisas que ao ler a realidade social nos bairros de reassentamento, destacam a questão do regresso aos antigos bairros. Este facto deixa de ser característica dominante no bairro de Nkobe, porque outros reassentados gostam da mudança, usam o espaço, apropriam-se do espaço.

Me parece que, pensar no fenómeno abandono¹⁶ como sendo numa realidade absoluta, como sendo uma característica *sine qua non* dos bairros de reassentamento, faz com que se olhe para,

¹⁵ Informante 5 (Reassentado – professor, 50 anos)

¹⁶ Usa – se o termo para se referir ao facto de, os agregados familiares não ficarem nos espaços de reassentamento. Ver por exemplo Santana e Perdigão (2011).

os agregados familiares como sendo homogêneos, o que é problemático. Pois, esta é uma forma de pensar inspirada na teoria funcionalista e mais especificamente em Durkheim que propôs, a ideia segundo a qual, os membros de uma dada colectividade têm uma consciência colectiva e daí os mesmos sentimentos que criam a semelhança e mesmos valores nestes (Durkheim 1994).

Esta forma de pensar faz com que, Durkheim conceba o espaço, como uma categoria de entendimento, tal como é o tempo, porque são ambos produtos do pensamento colectivo (Silvano 2010). É pertinente a afirmação de Durkheim de que, o espaço é uma categoria de entendimento. O problema está em pensar o espaço como sendo algo que vem do pensamento colectivo, pois, me parece que no contexto desta pesquisa, a ideia de colectivo deve ser contextualizada, porque o espaço de reassentamento foi e ainda é pensado de formas diferentes, daí que os agregados familiares usam os espaços de forma diferente.

“(...) como já disse antes, aqui cada um faz o que quer com a sua nova casa, eu fiquei aqui até hoje mas, meu vizinho aqui do lado, que também era meu vizinho em Trevo, vendeu o espaço em 2000 logo que chegamos porque, disse que não queria viver aqui porque não havia condições”¹⁷.

Tal como referi, é problemático pensar o espaço apenas a partir da teoria funcionalista porque, pensar-se que todos os indivíduos têm a mesma representação sobre o espaço. Quando pensar-se o espaço geográfico tal como propôs Durkheim, se terá dificuldades de perceber como é que num mesmo espaço, os indivíduos pensam e usam de formas diferentes o espaço habitacional no bairro de reassentamento. É com base neste pressuposto que penso ser pertinente, olhar para outras formas de pensar espaço, para além da que foi colocada por Durkheim. Assim, a alternativa seria por exemplo, a teorização de Lévi - Strauss segundo a qual, as sociedades não são homogêneas, e a diferença entre elas existe também na representação do espaço (Silvano 2010). Este último pressuposto me permite perceber as várias reacções que captei sobre o reassentamento e novo espaço habitacional.

¹⁷ Informante 5 (Reasentado – Professor, 50 anos)

Em Nkobe, se para alguns reassentados, o processo de que foram alvos foi injusto porque trouxe implicações negativas às suas vidas, para outros, o mesmo é tido como tendo sido positivo porque permitiu a aquisição de uma casa melhorada, um espaço parcelado e fixar-se num bairro com sinais de prosperidade, onde pudesse cuidar da família e ali morar para sempre. Tal se pode constatar na seguinte citação:

“Tivemos alguns casos de famílias que até não chegaram a viver no bairro, de forma imediata colocaram suas residências em aluguer ou a venda, mas para onde foram essas pessoas, não sei dizer... Mas para nós interessa os que cá vieram residir”¹⁸.

Tal como se pode ver, o reassentamento é um processo que sendo complexo, mexe com a vida dos agregados familiares, gerando sentimento de satisfação e insatisfação ou por vezes mistura de ambos. Mas nem sempre o sentimento de insatisfação com a nova casa é proporcional ao regresso ao antigo bairro ou seja, não se pode estabelecer sempre uma relação de causa e efeito entre insatisfação e o regresso (tal como se faz em algumas pesquisa que consultei) porque, caso contrário, não se perceber o porquê alguns reassentados por me contactados, mesmo tendo se sentido prejudicados com o reassentamento, continuam a viver em Nkobe e apropriam-se dos espaços.

Abordar sobre os aspectos de práticas e atitudes dos reassentados na mudança dos bairros de reassentamento é a proposta de Santana e Perdigão (2011), pois, estes convidam a pensar que os reassentados abandonam as novas residências porque o processo implica mudar de casa e de sociabilidade, resultando na insatisfação dos residentes que perdem seus vizinhos. Mas, muito embora alguns destes aspectos existam em Nkobe, tem de ter em conta que ao mesmo tempo o processo de reassentamento, implica ampliar redes de sociabilidade e nem sempre se perde os vizinhos, tal como se faz referência na revisão de literatura. Nesta pesquisa encontrei cenários onde, os vizinhos de um dado agregado familiar, são também transferidos para as novas zonas de reassentamento logo, mais do que mudar redes de sociabilidade, temos continuidade e surgimento de novas redes sociais.

¹⁸ Informante 3 (Chefe do quarteirão)

Para encerrar este capítulo, tenho de fazer referência ao facto de, o reassentamento gerar outras situações para além da ideia de regresso, porque o realojamento é visto como um novo contacto habitacional, é uma referência espacial onde os actores em causa redefinem o seu papel e imagem na sociedade (Castro 1995). É seguindo este pressuposto de redefinição do seu papel e imagem na sociedade que os reassentados usam o espaço habitacional de formas diferentes, o que contribuí para o facto de para além de habitar, o mesmo espaço ser usado para outros fins, tal como exploro no capítulo que se segue.

5. Uso do espaço habitacional de reassentamento

Neste capítulo, abordo sobre as várias formas de uso do espaço habitacional em Nkobe, o que me permitiu reforçar a tese segundo a qual, existem várias formas de apropriação do espaço habitacionais de reassentamento neste caso, no bairro Nkobe; não obstante os relatos de alguns casos de regresso. O fenómeno deve-se ao facto de se atribuir sentidos e representações diferentes à mudança, fazendo com que, cada agregado familiar faça uso do espaço e da casa segundo seu projecto de vida e a forma como vivência o reassentamento.

Nos espaços habitacionais de reassentamento assisti, por parte dos agregados familiares, um processo de produção e reprodução do espaço para dar significados ao lugar onde se reside e ao mesmo tempo, fazer alguma actividade de renda. Nestes termos, me parece importante recuperar o pressuposto segundo o qual, o espaço está ligado ao contexto, a sociedade dá forma ao espaço, pois, os Homens identificam-se com o espaço (Silvano 2010). Este argumento dá sentido ao facto de alguns os meus informantes terem referido que, quando receberam o espaço no ano 2000, tiveram que fazer algumas mudanças na casa assim como em todo espaço habitacional, porque as casas eram todas iguais e eles não gostavam deste aspecto, queriam algo que os identifica, por exemplo aumentar e pintar a casa com outra cor.



Fig.7. A cor da segunda casa na imagem revela

Um dos sinais de apropriação, a nova cor.

O processo de reassentamento tende a criar homogeneidades, através da construção de casas idênticas. Mas esta tendência tende a desaparecer com o tempo; ironicamente, um dos

informantes referiu o seguinte, “ (...) quem gosta de uniforme? É por isso que há esta mudança”¹⁹. Em Nkobe, uma vez terminado o processo de reassentamento, os agregados familiares ornamentaram, plantaram árvores, aumentaram mais compartimentos na casa, pintaram a casa com outras cores para além do branco. Outros ainda vedaram o espaço, e aqueles construíram murros de alvenaria ou semearam espinhosa²⁰. Estas medidas visam de entre várias razões, “construir a casa tendo em conta, a ideia de atingir uma forte identificação com a mesma porque, ao redor da casa há significados, assim como, uma construção afectiva, mental e identitária” (Cruz 2003: 249).



Fig.8.Vedação de espaço com recurso á espinhosa.

A mesma autora Cruz (2003) entende que antes da construção física da casa existe uma construção mental porque antes da existência concreta, existe uma construção afectiva e identitária. Este argumento me ajuda a melhor entender a ideia segundo a qual, “(...) eu ainda não mudei mas tenho planos, quero gradear a varanda aqui a frente e pintar com uma outra cor. Mas primeiro vou construir um murro porque esta vedação do projecto já está estragada”²¹. Ao analisar as declarações desta informante constatei que o novo espaço passa por um processo de representação, ao longo do tempo que por ali se vive, traça-se planos de modo a atingir desejos e ultrapassar estados actuais que o espaço e a casa apresentam.

¹⁹ Informante 6 (Chefe do quarteirão)

²⁰ Uma planta verde com picos que é usada para vedar espaços de residência.

²¹ Informante 7 (Reasentado – comerciante, 29 anos)

Muito embora ainda persistam traços do reassentamento, o cenário actual de Nkobe apresenta algumas diferenças com o período de 2000, ano do reassentamento, porque depois de receber seu novo espaço de residência no bairro de reassentamento, os agregados familiares procuram produzir o espaço. É por isso que, se antes o bairro era conotado como tendo o mesmo tipo de casas, hoje o cenário é diferente porque em quase todos espaços habitacionais, encontro algo que identifica a cada família ou que existe porque é uma necessidade das pessoas que ali residentes. Estou a me referir ao facto de muitos terem construído murros para vedar o seu espaço, com vista a se sentirem mais seguros e demarcar melhor onde começa e onde termina o terreno.

Constatei que as razões para se mudar o modelo arquitectónico da habitação (aumentar o tamanho da casa, mudar a configuração de todo o espaço habitacional) residem nas dinâmicas de que passam os agregados familiares. E estas dinâmicas têm especificamente a ver com o aumento do número de agregados familiares, crescimento dos filhos, o aumento da renda familiares, que vem a possibilitar ter maior e mais confortável habitação e, o alastramento das redes de sociabilidade. Ainda nestas dinâmicas, tenho de fazer entender o facto de, os informantes da pesquisa, terem feito referência, ao plantio de árvores e a nova pintura da casa como sendo, alguns traços particulares de cada agregado familiar, feitos com vista a procurar dar sentido ao espaço onde se vive (Guerra 1997).

Alguns dos agregados familiares com quem mantive contacto, chegam inclusive a revelar sentir-se bem em Nkobe e pensam em permanecer porque é neste bairro que está a sua vida, assim como, é onde nasceram alguns dos seus filhos. Além disso, constatei que os que vivem perto das ruas largas (15 metros) e movimentadas do bairro aproveitam a localização da sua casa para fazer do espaço habitacional, também um espaço de negócio, captação de renda familiar, tal como se pode ver.

“ (...) Eu e minha esposa construímos aqui em casa este murro e a seguir uma barraca. Pintamos com a mesma cor para combinar. (...) A barraca é para aproveitar o movimento desta rua e o dinheiro que saí dali serve para, ajudar nas despesas. Ao

mesmo tempo, esta é uma actividade que a minha esposa exercia no bairro Trevo, antes de chegarmos aqui”.²²

Igualmente a reflexão sobre este tipo de casos, que encontro em Nkobe, é um dos elementos para pensar que, alguns agregados familiares fazem do seu novo espaço habitacional, um espaço que atende a várias funções, pois, para além de residir e ornamentar-se, no mesmo local leva-se a cabo actividades económicas (espaço de venda) e dá-se continuidade a actividades iniciadas no antigo bairro. Assim, se esta perante a combinação de vários factores no mesmo espaço habitacional.



Fig.9. Residência e mercearia no mesmo espaço.

Sobre a captação da renda familiar, tenho de referir ainda ao facto de alguns agregados familiares terem-se aproveitado do facto de estarem a viver num bairro em expansão e terem comprado outro terreno no mesmo bairro, na zona do “*bairro novo*”²³. De acordo com a exploração feita no terreno sobre o assunto, duas principais razões são dadas ao facto, pois, por um lado está a ideia de ter um espaço para actualmente arrendar e no final de cada mês ter mais uma renda familiar, porque o bairro Nkobe está sistematicamente a receber novas pessoas e algumas arrendam residências enquanto concluem as suas. Por outro, o mesmo facto tem a ver com a ideia de ter um espaço onde os filhos vão residir no futuro porque estão a crescer.

²² Informante 1 (Reassentado – comerciante, 44 anos)

²³ Ver capítulo 3

Assim, os dados me permitiram inferir que há uma diversidade dos modos de avaliação que os reassentados fazem dos seus novos espaços habitacionais porque, cada agregado familiar envolvido no processo de reassentamento, tem sua história e experiência sobre o fenómeno. E estes aspectos influenciam nos modos de avaliação e uso do novo espaço habitacional do reassentamento. Logo, deve-se ter em conta que o facto de, num mesmo espaço geográfico, as pessoas partilharem diferentes formas de pensar, o que vem a explicar também os seus diferentes comportamentos porque, o contexto não está necessariamente ligado ao espaço geográfico. Por isso esta diversidade no bairro Nkobe.

É por isso que num conjunto de agregados familiares tirados de um bairro para o outro, se expressa diferentes percepções sobre a mudança e vem a se usar o espaço de formas diversas, daí que, enquanto uns residem no espaço oferecido, outros vendem ou arrendam, assim como encontrei aqueles que usam o espaço concebido para habitação como sendo simultaneamente para negócio. E outros transformam-no totalmente em serviços como: creche, carpintaria, serralharia, salão de cabeleleiro, esplanada/quiosque ou farmácia. Ainda sobre este aspecto, é neste contexto que, o posto policial de Nkobe funcionar num edifício antes concebida para a habitar um agregado familiar.

Tal como se pode ver, o meu argumento se diferencia das pesquisas que abordam a mesma problemática e procuram responder a perguntas idênticas a minha com recurso a questões de abandono por um lado e apenas apropriação por outro. Mas porque, na essência estas abordagens têm poucos aspectos antagónicos, abro a possibilidade de encontrar no mesmo bairro, indivíduos que regressam e os que apropriam-se do espaço. Ao mesmo tempo que explico como se processa o que na literatura chamam de abandono assim como apropriação. E uma vez que, o processo de reassentamento é complexo, pode-se encontrar indivíduos que estão numa situação de mistura de muitos sentimentos.

Van Valsen (1987) defende que a análise estrutural é menos viável porque pensa na uniformidade e estabilidade. E como recurso, se tem a análise situacional, que dá ênfase a processos e variações para explicar mudanças. Este pressuposto me ajudou a perceber uma parte dos dados que a princípio pareceriam não fazer sentido porque, estão numa ordem diferente com

os pressupostos da revisão da literatura. O referido argumento revela uma mistura de satisfação e insatisfação com o processo de reassentamento e a nova casa. Tal como se pode constatar.

“ (...) aqui estivemos a sofrer, nos tiraram de lá da zona de pilivim e nos deram uma casa menor que aquela que tínhamos, tivemos vontade de voltar mas não podíamos fazer nada é só levar a vida aqui onde estamos porque, apesar dos problemas nem tudo está mau aqui em Nkobe. Há também boas coisas, eu tive a sorte de ter novos vizinhos, são boas pessoas e o bairro aos poucos esta a ter tudo que é necessário, tal como podes ver mano”.²⁴

Este argumento é preponderante porque revela insatisfação com a mudança mas ao mesmo tempo a permanência no novo espaço habitacional. Ao analisar a história desta chefe do agregado familiar, pude entender a razão para esta mistura de sentimentos de, satisfação e insatisfação, com o novo espaço habitacional. Este agregado familiar sentiu-se injustiçado com o projecto de reassentamento porque não queriam sair do antigo bairro e depois de sair para Nkobe, foram receber uma casa menor que a antiga, de dois quartos, enquanto tinham uma de três. Mas produziram e reproduziram o espaço, construíram jardim, pintaram e acrescentaram a casa para “substituir o que lhes foi tirado durante o reassentamento”. Este aspecto revela apropriação do espaço residencial, porque o mesmo foi usado perante a insatisfação instalada logo após o reassentamento.

Ao mesmo tempo, outros argumentos ajudam a perceber que alguns encararam a ideia de mudar para um novo espaço de residência como sendo um aspecto que lhes fazia deixar para trás algumas características incómodas do antigo bairro, neste caso o facto do antigo bairro ser apertado e ser perigoso. Igualmente me remetem a ideia segundo a qual, gerar ou produzir um espaço social apropriado onde a sociedade apresenta-se e representa-se é um processo que não se faz num dia (Lefebvre citado por Silvano 2010). Um dos exemplos que sustenta este argumento apresenta-se nos termos que se seguem.

²⁴ Informante 8 (Reassentada – doméstica, 52 anos). Com o termo *mano*, estava a referir-se ao pesquisador.

“No início eu não queria vir para Nkobe, mas hoje gosto de viver aqui, o bairro é diferente de Trevo, aqui têm mais espaço no quintal (...). Quando cheguei, apenas tinha casa de dois quartos, a mesma medida da antiga, mas com o tempo eu aumentei, fiz murro e plantei estas duas árvores, para ter sombra e fruta”.²⁵

Tal como já fiz referência, encontro em Nkobe algumas pessoas que tendo recebido espaço para residir, usam-no para outros fins. É exemplo a dona do argumento que se segue.

“Quando nos avisaram do reassentamento, eu tive medo de ficar sem casa, por isso, comprei terreno e construí. Mas por sorte, substituíram o que tiraram-me e por isso, tenho este espaço com casa e tudo. Mas como tinha casa num bairro, transformei esta em esplanada (...) é aqui onde faço negócio”.²⁶ Este dado me permite evidenciar a partir de Nkobe, os pressupostos segundo os quais, há diferentes formas de se apropriar do espaço para além do acto de residir, o simples acto de usá-lo seja para que fim for, é apropriar-se do espaço, é usar o espaço (Guerra 1997).

Ao mesmo tempo, os dados indicam que há alguns agregados familiares reassentados em Nkobe, por causa das cheias do ano 2000 e não por causa da construção da estrada tal como a maioria. Algumas destas famílias depois de terem recebido os novos espaços habitacionais, olharam para o fenómeno como sendo uma oportunidade de fazer negócios, por isso, venderam ou arrendaram e outros, regressaram as zonas de origem tidas como sendo de “*zonas risco*”,²⁷ na percepção das autoridades governamentais. Me parece que para estes, faz sentido falar de regresso, porque tem para onde ir. Estes voltam para as suas antigas residências, “*zonas de risco*”. E muito provavelmente, os reassentados têm outra percepção sobre a ideia de *risco*, por isso que voltam para aquele local que para eles provavelmente, pouco tem de risco.

Constatei que, o fenómeno (regresso) vem se repetindo nos outros bairros onde as mesmas famílias já foram reassentadas antes e depois de terem sido atribuídas espaços em Nkobe. Este

²⁵ Informante 2 (Reassentado – funcionário público, 48 anos)

²⁶ Informante 9 (Reassentada – comerciante, 45 anos)

²⁷ Segundo as autoridades do bairro

fenómeno me ajuda a explicar a ideia de regresso e não permanecia no novo bairro, a partir de outras leituras. Pois, neste caso, deve-se a ideia de querer tirar vantagens monetárias no reassentamento (vender ou arrendar espaço) e o valor conseguido neste processo, muito provavelmente serve de uma mais-valia na renda do agregado familiar que muito mais do que viver num espaço tido como seguro, por parte das autoridades, preferem ver aumentada a sua capacidade de renda familiar, vivendo no espaço habitacional habitual.

Assim sendo, me parece que se o objectivo passa por documentar regresso ou a apropriação do espaço num bairro de reassentamento, tal êxito só poderá ser alcançado pelo contacto com os agregados familiares envolvidos no processo de reassentamento, e explorar suas histórias de vida porque as atitudes e práticas dos indivíduos tem uma razão que esta integrada num processo do qual fazem parte acções actuais. E estas acções não surgem do nada por isso, a importância de explorar as histórias de vida. Foi o que fiz para ter uma ideia sobre o aspecto da apropriação (uso) do espaço habitacional em Nkobe.

Considerações finais

Esta pesquisa analisou formas de apropriação do espaço habitacional num bairro de reassentamento, muito a propósito de ter constatado que, na literatura sobre os bairros de reassentamento, predomina uma abordagem que dá ênfase ao facto de, os agregados familiares abandonarem os novos espaços habitacionais. Este estudo fez uma etnografia num bairro de reassentamento, Nkobe, no município da Matola e mostra que muito embora existam relatos do mesmo fenómeno abandono (regresso), também, encontro um conjunto de agregados familiares que doze anos depois do reassentamento continuam a residir nos espaços concedidos pelo projecto de que foram alvos.

Procedi uma pesquisa etnográfica neste bairro, mantive contacto com agregados familiares reassentados e, este tipo de pesquisa qualitativo, permitiu pensar que atribui-se sentidos diversos aos novos espaços. Logo pensar espaços habitacionais como sendo apenas de insatisfação residencial porque o reassentamento quebra laços de sociabilidade tal como fazem referência autores como, Santana e Perdigão (2011), deixa de fazer sentido neste bairro, porque o mesmo processo alarga as redes de sociabilidade, alguns reassentados tem satisfação para com a nova casa ao encontrar oportunidade de mudar de vida. Assim, tal como referi, deve-se pensar estes espaços habitacionais (de reassentamento) como sendo lugares onde verifica-se, modos diferentes de pensar o espaço, por isso, existem aqueles que usam para residir ou mesmo dedicá-lo a outros fins.

Dada a multiplicidade de formas de pensar e usar o espaço habitacional nos bairros de reassentamento, tal como ilustra o caso de Nkobe, esta pesquisa permitiu-me reforçar a crítica que Lévi-Strauss faz a Durkheim por este ter pensado que o espaço é fruto do pensamento e representações colectivas que visam ordenar o que é heterogéneo. Lévi-Strauss discorda porque entende que as sociedades não são homogéneas mas sim diferentes e a diferenciação existe também na representação do espaço (Silvano 2010). Mostrei que, mesmo com recurso a sua teoria estruturalista, Lévi-Strauss ajuda-me a pensar diferenças num determinado contexto ao referir que, todo o Homem tem atributos relativos e particulares, por causa da sua cultura aqui pertence (Lévi-Strauss 1982).

Assim me parece que proceder tal como é proposto em Lévi-Strauss, pode permitir perceber os reassentados e dar sentido as várias formas de apropriação do espaço porque, doze anos depois do reassentamento, há produção e reprodução do espaço habitacional por parte de cada agregado familiar, que altera o padrão arquitectónico homogéneo que caracterizava o bairro, dando espaço para o surgimento de vários modelos de habitação.

Ao longo do trabalho fiz algumas descrições e citações que dão conta da dinâmica dos bairros de reassentamento através do surgimento de infra-estruturas básicas, intervenções familiares na nova casa (pinturas, vedações, plantio de árvores e ampliação da casa) o que leva a pensar para além do abandono nos bairros de reassentamento, mas sim, pensar também na apropriação do espaço. O que possibilita igualmente perceber os actores sociais que, antes da concretização do reassentamento já tinham perspectivas de mudar de bairro e de habitação, assim como aqueles que com o fenómeno, ganham (segundo eles) melhores espaços habitacionais. E tal ganho, geralmente, vem a se manifestar no uso que fazem do espaço e das relações que estabelecem no novo bairro.

Portanto, tendo em conta esta pesquisa etnográfica feita num contexto de reassentamento, considero que mais do que ficar na ideia de regresso, deve-se documentar também no mesmo bairro, fenómenos de apropriação do espaço habitacional o que vai possibilitar ter abordagens mais abrangentes e fazer parte do projecto da antropologia, que passa por estudar a diversidade dos povos, explicar comportamentos de pequenos grupos humanos e procurar a totalidade que forma um estilo de vida, através da observação de um drama repetitivo (Leach 1982). Um dos indicadores da referida diversidade é a diferença dos agregados familiares envolvidos no reassentamento de Nkobe, desde as suas reacções em relação ao fenómeno reassentamento até ao uso que fazem do novo espaço habitacional.

O resultado da pesquisa se inspira na contribuição teórica e metodológica de Guerra (1997) segundo a qual, apropriação do espaço refere ao acto de habitar, dar sentido ao espaço. Estes pressupostos são elementos de inspiração porque, encontro alguns destes em Nkobe. Mas, dada a diversidade dos fenómenos de reassentamento e multiplicidade dos agregados familiares envolvidos, a pesquisa deve ser contextualizada porque, refere-se a um contexto específico. E

uma vez não ter esgotado a explicação do fenómeno espero que futuras pesquisas ajudem a ler por exemplo, através do contacto com os agregados familiares que abandonam seus espaços habitacionais, as lógicas que orientam tal comportamento, onde vão residir e documentar, para posterior debate científico, sua situação actual de vida.

Igualmente seria pertinente uma pesquisa que explora a problemática do reassentamento procurando compreender a percepção do risco. Dei aqui algumas pistas e evidenciei que provavelmente as autoridades governamentais e as populações reassentadas partilham universos diferentes sobre a ideia de risco. Sendo provavelmente, uma das explicações para o facto de uma vez retirados de um local para outro, alguns agregados familiares regressam ao antigo bairro porque para eles, a zona não é de risco tal como percebem as autoridades. Ao mesmo tempo, pode se explorar a situação dos nativos, que não é referida na revisão de literatura que fiz, e procurar perceber como é que estes vivenciam o reassentamento e concebem os seus novos espaços habitacionais.

Referências bibliográficas

Araújo, Maria. 2005. *Os donos da casa: Das políticas de habitação aos significados da moradia*. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará.

Augusto, Nuno. 1998. *Habitação Social – Da Intenção á ampliação da Exclusão*. Évora: Universidade de Évora.

Bonduk, Nabil. 1994. *Origens da Habitação Social no Brasil* In: *Análise Social São Paulo*

Carneiro, Hélia. 2003. *Processo de Realojamento e Apropriação do Espaço num bairro Multi - étnico*. Lisboa: Instituto de Serviços Sociais de Lisboa.

Castro, Alexandra. 1995. *Ciganos e habitat: Entre a itinerância e fixação*, In *Sociologia, Problemas e Praticas*. Lisboa: ISTEC.

Cruz, Marta. 2003. *Construir a Casa: Elementos Exploratórios para a Compreensão dos Conteúdos e do Parentesco de Concepção Arquitectónica de Habitação Familiar*. Porto: Centro de Estudos da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Denzin, Norman e Lincoln, Yvonna. 2006. *O Panejamento da pesquisa qualitativa, Teorias e abordagens*. São Paulo.

Durkheim, Emile. 1994. *De La Divisiom Du Travail Social*. Paris: Press Universitaires de France.

Gil, António. 1999. *A Pesquisa Social* In: *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Editora Atlas S.A. 5ª Edição.

Guber, Rosana. 2001. *La Etnografía: Método, Campo y Reflexividad*. Buenos Aires. Pp. 56-100.

Guerra, Isabel. 1997. *Um olhar sociológico sobre o alojamento*. Lisboa. ISCTE: Departamento de Sociologia. Pp. 165-181.

- Guimarães, Roberta. 2004. *A Moradia Como Património Cultural, Discursos Oficiais e Re - apropriações Locais*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Leach, Edmund. 1982. *O Meu Tipo de Antropologia* In: *A Diversidade da Antropologia*. Lisboa: Edições 70.
- Lévi-Strauss, Claude. 1982. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis: Editora Vozes. Pp. 41-63.
- Minayo, Maria e Sanches, Odécio. 1993. *Quantitativo - Qualitativo: Oposições ou Complementaridade?* In: *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro. Pp. 239-261.
- Mosca, João e Selemane, Tomás. 2011. *El Dourado Tete: Os mega projectos de Mineração*. CIP - Centro de Integridade Pública.
- Philips, David. 2007. *Habitação Sagrada: Um estudo Sobre os Significados Religiosos da Habitação*. In: *Revista Antropos*, Volume 1, Ano 1.
- Quintas, António. 2008. *Onde está o bairro Social? O caso de um realojamento social em lotes dispersos na freguesia da Branda: Percepção dos residentes sobre o novo espaço residencial*. Instituto Superior de Ciências do Território e da Empresa.
- Quivy, Raymond e Campenhoudt, Luc Van. 1998. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Grávida.
- Rocher, Guy. 1989. *Sociologia Geral: Mudanças e Acção Histórica*. Lisboa: Editorial Presença.
- Santana, Joana e Perdigão, Ana. 2011. *Participação dos moradores na produção habitacional da Área CDP*. Belém do Pará: Universidade Federal do Pará.
- Santos, Mauro. 2007. *Representação Social da Moradia*. Rio de Janeiro. PP. 336-341.
- Silvano, Filomena. 2010. *Antropologia do Espaço*. Lisboa: Assírio e Alvim.

Spiegel, Andrew; Watson, Vanessa e Wilkison; Peter. 2008. *Domestic Diversity and Fluidity Among Some African Households in Greater Cape Town* in: *Social Dynamics: Journal Of African Studies*. London. Pp.37-41.

Valência, Márcio. 2001. *Habitação em Crise em Grã - Bretânica, Brasil e Portugal*. Rio de Janeiro: Revista Território. Pp. 67-88.

Van Valsen, Jean. 1987. *A Analise Situacional e o Método de Estudo de Caso Detalhado* In: Feldman-Bianco, Bela. *Antropologia das Sociedades Contemporâneas – Métodos*. São Paulo: Global. Pp. 334-374.

Yanez-Casal, Adolfo. 1996. *Antropologia e Desenvolvimento: As Aldeias Comuns de Moçambique*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, Pp. 123-225.